vinetur

Borgonha planta oito variedades de videira resistentes a doenças em Fontaines

Descendentes de Chardonnay e Pinot Noir, as videiras serão avaliadas pelo sabor, resistência e tolerância ao calor antes de uma eventual disponibilização após 2035

segunda-feira, 9 de novembro de 2026



A Borgonha plantou oito variedades experimentais de uva, descendentes de Chardonnay e Pinot Noir, num novo ensaio em Fontaines, no departamento de Saône-et-Loire. A iniciativa abre uma nova etapa num esforço de longa data para obter videiras mais resistentes a doenças fúngicas, sem perder a identidade vinícola da região.

A plantação integra o CEPInnov, um programa conjunto liderado pelo comité vitivinícola da Borgonha, conhecido como BIVB, pelo comité de Champagne, pelo Instituto Nacional de Investigação para a Agricultura, a Alimentação e o Ambiente de França, em Colmar, e pelo Instituto Francês da Vinha e do Vinho. O projeto assenta no cruzamento das castas emblemáticas da Borgonha com variedades naturalmente resistentes. Não recorre a organismos geneticamente modificados nem à edição do genoma.

As primeiras oito variedades candidatas plantadas em Fontaines incluem três castas brancas da família Chardonnay e cinco tintas da família Pinot Noir. Foram selecionadas pela resistência ao míldio e ao oídio, duas doenças que podem obrigar a tratamentos repetidos na vinha e pesar significativamente nos custos. Segundo a Vitisphere, cada uma das oito plantas tem dois genes de resistência a cada uma das doenças, uma abordagem destinada a tornar essa resistência mais duradoura.

A nova parcela de Fontaines ocupa 17 ares, ou cerca de 0,42 acres, e foi inaugurada a 25 de setembro. Cada variedade candidata está representada por cerca de 100 videiras. O BIVB prevê avaliar ali aproximadamente 40 variedades ao longo do tempo.

As oito videiras atualmente em estudo são as primeiras sobreviventes de um processo de seleção muito mais amplo. Os cruzamentos começaram em 2015 e deram origem a cerca de 16 000 sementes. Após uma primeira triagem, cerca de 350 variedades foram plantadas em Aluze, também na Côte Chalonnaise, na Borgonha, a partir de 2018, com cinco videiras por seleção. Os ensaios realizados nesse local reduziram o número de candidatas à primeira vaga agora transferida para Fontaines. Se cerca de 40 candidatas chegarem por fim à parcela de Fontaines, isso significará que apenas cerca de uma em cada 400 sementes originais avançou até esta fase.

Os investigadores afirmam que a resistência às doenças, por si só, não basta na Borgonha, onde a questão central é saber se uma nova casta pode continuar a produzir um vinho com um perfil reconhecidamente borgonhês. As candidatas já foram vinificadas em lotes muito pequenos e provadas em comparação com Chardonnay e Pinot Noir convencionais. Marion Wimmer, responsável pelo projeto e especialista em material vegetal no BIVB, disse à Vitisphere que, nas provas cegas, muitas vezes era difícil identificar o vinho de controlo.

Essas primeiras microvinificações basearam-se em apenas 5 a 10 quilogramas de uvas por variedade. A plantação de maior dimensão em Fontaines visa alterar esse cenário. Com cerca de 100 videiras por candidata, a equipa espera produzir pelo menos 80 quilogramas de uvas por variedade, quantidade suficiente para vinificações mais completas e análises estatísticas mais robustas. Wimmer afirmou que os ensaios em maior escala também permitirão aos investigadores analisar a sensibilidade ao stress hídrico.

Esta questão tornou-se mais urgente em 2026. O serviço de estatísticas Agreste, de França, estimou a 1 de novembro que a produção total de vinho na região da Borgonha-Beaujolais tinha diminuído 22% face a 2025, com a Pinot Noir particularmente afetada pela seca e pelas temperaturas elevadas. Isto significa que a próxima geração de videiras está a ser avaliada não só pela resistência às doenças e pelo sabor, mas também pela capacidade de enfrentar condições mais quentes e secas.

A parcela de Fontaines foi também concebida para cumprir os requisitos daquilo a que os reguladores franceses chamam VATE, uma avaliação do valor agronómico, tecnológico e ambiental, necessária para que uma variedade possa ser inscrita no catálogo oficial. O calendário continua a ser longo. As videiras jovens precisam de cerca de três anos até produzirem, seguidos de mais três anos de acompanhamento. A Vitisphere noticiou que a inscrição no catálogo poderá começar em 2032, caso os procedimentos avancem rapidamente. O BIVB adotou uma posição mais cautelosa e afirma que nenhuma variedade estará disponível antes de 2035.

Mesmo que as uvas ultrapassem estes obstáculos, não substituirão a Chardonnay ou a Pinot Noir nas denominações da Borgonha. Ao abrigo das regras atuais, só poderão ser utilizadas como castas acessórias, no quadro de adaptação para variedades de interesse, e apenas pelas denominações que decidam testá-las. A sua proporção num lote ficará limitada a 10%.

Esse limite reflete o equilíbrio que a Borgonha procura alcançar. O objetivo do projeto não é reformular os vinhos da região, mas encontrar uma forma prática de reduzir a dependência dos tratamentos fungicidas, preservando ao mesmo tempo o estilo que define algumas das denominações de vinho mais conhecidas do mundo. Para o setor das bebidas em geral, o projeto poderá ter relevância muito além da Borgonha, caso demonstre que o melhoramento de variedades resistentes a doenças pode reduzir a necessidade de tratamentos e os custos sem apagar o caráter que gera valor nos vinhos de gama alta.

Champagne está a desenvolver o mesmo trabalho com material vegetal próprio, através de uma parcela de avaliação separada na propriedade experimental de Plumecoq, em Chouilly, no departamento de Marne. Os programas da Borgonha e de Champagne avançam em paralelo, enquanto as regiões vitivinícolas francesas procuram formas de se adaptarem à pressão das doenças e ao stress climático sem abdicar das identidades das castas em que assentam os seus mercados.